

Crítica // A profecia do mal ★★

Semente abominável

Ricardo Daehn

Num misto de *O código Da Vinci*, filme de êxito de 2006, e qualquer produção B de terror, o novo longa-metragem de Nathan Frankowski *A profecia do mal* explora o destino da sofrida Laura (Alice Orr-Ewing), abalada pela perda de familiares. O drama dela, entretanto, ganha proporções mundiais, uma vez que, estudante em Turim (Itália), ela esbarra na ambição de uma sorrateira empresa de biotecnologia. A partir de fragmentos de DNA, presentes no milenar Santo Sudário, há pretensão de se recriar Jesus Cristo. A absurda premissa ainda piora, por se tratar de um plano de oferta direta ao diabo.

IMAGEM FILMES/DIVULGAÇÃO



Alice Orr-Ewing em *A profecia do mal*

O padre Marconi (Joe Doyle) é o grande aliado de Laura, ao longo do desenvolvimento do frágil roteiro do estreante Ed Alan. Na empreitada de libertar a humanidade de maiores complicações, o arcanjo Miguel se coloca à completa

disposição. Lúcifer (Joe Anderson), entretanto, também está a postos, no filme que parte de uma linguagem de videogame para alcançar registros de efeitos especiais alinhados à ambientação de boate. Vestígios da mortalha cristã,

clonagem e cultos de teor satânico dão as caras no filme, por vezes, precário. Num leve destaque, Eveline Hall vive a degenerada Liz, o que resulta em leve diversão. No mais, nada a recomendar em termos de originalidade.

Preciosas lembranças

H2O FILMES/DIVULGAÇÃO



Tarsilinha: inspiração direta nas obras de Tarsila do Amaral

Com ambientação baseada em obras da artista Tarsila do Amaral (morta em 1973), a animação Tarsilinha, criada pela dupla de diretores Kiko Mistrorigo e Célia Catunda, se apresenta como alternativa infantil para as férias, no Cine Brasília (EQS 106/107), com sessões às 10h (exceto às segundas).

No longa, que tem trilha sonora de Zeca Baleiro e Zezinho Mutarelli, uma solitária menina, aos oito anos, busca estimular as roubadas memórias da mãe. Daí, com direito à exploração de figuras folclóricas como o Saci e

a Cuca, Tarsilinha segue uma trilha com redes de proteção, amizade e, claro, lembranças.

Vale destacar que quadros de Tarsila do Amaral impulsionaram a busca por

uma arte genuinamente nacional. Uma das telas, a mais famosa, Abaporu prenunciou a afirmação Manifesto Antropofágico (1928). Ao lance de US\$ 1,5 milhão, o quadro que parou nas

mãos de um empresário argentino, originalmente, foi dado como presente para o marido de Tarsila, Oswald de Andrade, que fundamentou o famoso manifesto dos anos 1920.(RD)